

Entre a Autodeterminação e a Revolução Colorida: Uma Análise dos Protestos Tailandeses em 2020

Julia Silveira Pereira¹
Pietro Gomes Verdum²

Resumo: A partir de uma discussão entre a hipótese de uma Revolução Colorida e hipótese de uma insurreição orgânica contra a monarquia, o presente trabalho visa analisar se os protestos tailandeses de 2020 se enquadram dentro do modelo teórico de Revoluções Coloridas, cunhado por Andrew Korybko. Utilizando-se do modelo de análise “Mosaico de Vozes”, de Marília Carolina Pimenta, no desenvolvimento do artigo serão analisados o cenário internacional, o contexto histórico, a utilização de símbolos e das redes sociais, além do possível financiamento de atores estrangeiros, de modo a identificar os limites e as potencialidades da categoria de Revolução Colorida para a análise de conjuntura em relações internacionais.

Palavras-chave: Tailândia. Revolução Colorida. Revolução. Estados Unidos.

1 Graduanda do sexto semestre de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: julicasp@gmail.com.

2 Graduando do sexto semestre de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: pietrogv13@gmail.com.

1 Introdução

A fraude nas eleições parlamentares tailandesas de 2019 iniciou uma série de protestos e manifestações que demandavam reformas institucionais no país. Em 2020, em meio à pandemia do COVID-19, as insatisfações da população apenas cresceram: além do descontentamento com o primeiro-ministro, que ascendeu por meio de um golpe, e a economia estagnada, as demandas pediam reformas no sistema educacional e na monarquia do país. O movimento de 2020, então, se tratava de uma insurgência popular, comandada por estudantes em fase escolar e universitários, que se organizam através das redes sociais e se utilizam de símbolos para se conectar entre si e com outras partes do mundo (THAILAND PROTESTS..., 2020).

Levando em conta o cenário mundial e a posição estratégica que a Tailândia ocupa na Ásia, em especial para os Estados Unidos e para a China, é imprescindível pensar nas razões que motivaram e conduziram o movimento insurgente apresentado no país. Para tanto, essa análise se utiliza da teoria de Guerras Híbridas, cunhada pelo jornalista e analista político Andrew Korybko. Para dialogar com os elementos que Korybko traz na sua teoria, como motivação dos Estados Unidos, presença de ONGs financiadas pelos Estados Unidos, utilização das redes sociais e símbolos como maneira de mobilização popular e apoio da mídia ocidental, na conjuntura tailandesa, optou-se por seguir o modelo analítico do “mosaico de vozes” apresentado por Pimenta (2016). Na obra, a autora afirma que o desafio para a construção de cenários e análises conjunturais se inicia pela incerteza e pelo fato de a realidade estar sempre em movimento. Além disso, a pluralidade de vozes e a ausência de consensos gera desafios importantes ao analista, ao mesmo tempo que proporciona ferramentas interessantes para que se desenvolva uma reflexão acerca dos acontecimentos. Nesse sentido, Pimenta afirma que as análises e os cenários construídos por analistas, por grupos de mídia e por acadêmicos, estão, também, inseridos no contexto político e suas posições são parte do processo político em curso. Assim, a imparcialidade analítica é descartada, e as produções se tornam constituintes do cenário, sendo influenciadas mas também influenciando os futuros desejáveis. Pimenta afirma que, tendo em vista esses elementos acima citados, as análises de conjuntura e, no caso deste trabalho, as produções da imprensa, proporcionam uma

ferramenta útil para entender a correlação de forças e as motivações dos diferentes grupos inseridos nas disputas sociais, sempre atentando a dois elementos chave: “para quê” e “para quem” servem as notícias e as análises e os cenários desejáveis por elas desenhados (KORYBKCO, 2018; PIMENTA, 2016).

Assim, seguindo os preceitos indicados anteriormente, iniciamos o presente artigo buscando fundamentar o contexto de Guerras Híbridas e Revolução Colorida, cunhada pelo jornalista e analista político Andrew Korybko. Em seguida, utiliza-se uma pesquisa de cunho acadêmico a respeito do contexto geopolítico e histórico tailandês, nas relações do país com os seus vizinhos e com os Estados Unidos. Focamos, na quarta parte, na importância histórica dos movimentos populares tailandeses e a maneira que se relacionam com a imprensa e com o Estado. A partir da proposição de Pimenta e da contemporaneidade do fato, que limita o uso da produção acadêmica como fonte, nos utilizamos de pesquisas em redes de notícias e redes sociais para entender as manifestações de 2020. A quinta parte busca explicitar o novo contexto das manifestações: seus participantes e seu caráter globalizante, como o uso de símbolos e das redes sociais. Além disso, também foram utilizadas fontes alternativas que pudessem trazer novas informações que contribuíssem para a análise do caráter das manifestações e que não são encontradas na mídia hegemônica, sempre confirmando sua veracidade antes de qualquer suposição (KORYBKCO, 2018; PIMENTA, 2016).

Após discorrer sobre todos os fatores que envolvem o levante tailandês de 2020, desde seu fundamento histórico e suas inovações até suas contradições, nos propomos, por fim, a responder ao grande questionamento deixado pela análise: as manifestações tailandesas de 2020 representam um exemplo claro de Revolução Colorida ou indicam uma falha do modelo teórico de Korybko relacionado ao seu nível de análise pautado no Sistema Internacional? Ao colocarmos em perspectiva o cenário tailandês contra o modelo generalizante de Korybko, o questionamento se torna ainda mais importante ao ressaltar não apenas a singularidade de um povo com uma cultura milenar, mas também as lentes através das quais enxergamos os acontecimentos dentro do Sistema Internacional (KORYBKCO, 2018; PIMENTA, 2016).

2 Contextualizando a Teoria: a Revolução Colorida de Andrew Korybko

A partir do conceito de “Guerra Híbrida”, o jornalista, analista político e integrante do *Institute of Strategic Studies*, Andrew Korybko desenvolveu uma nova abordagem em Relações Internacionais para tratar da troca de regimes. Em linhas gerais, a proposta teórica afirma que o governo estadunidense transformou a sua maneira de atuação no que diz respeito a intervenções em Estados estrangeiros. O modelo de revolução colorida é aplicado para colocar em prática um golpe brando que deponha um governante e abra o caminho para que se eleve um aliado estadunidense em seu lugar. Esse processo ocorre em determinadas fases e contando com artifícios de diferentes níveis. Para o autor, o primeiro passo é a disseminação para a população, ou para segmentos específicos dela, de mensagens contra o governo que se quer derrubar; criando redes de compartilhamento dessas propagandas que são fabricadas e propagadas de maneira coordenada, porém carregando um caráter espontâneo a partir de uma abordagem indireta. Nesse sentido, as redes sociais se tornam espaços interessantíssimos para que as informações sejam repassadas e muitas pessoas sejam por elas atingidas, contando inclusive com o acesso aos perfis psicológicos dos usuários que são coletados pelo Facebook, por exemplo, que servem de maneira perfeita para que se desenvolva uma publicidade dirigida baseada no perfil macrossocial daquele determinado povo no país alvo. A partir dessas redes que se formam, cada vez mais pessoas são atingidas pelas informações; as manifestações maciças nas ruas que se seguem são organizadas e gerenciadas a partir das redes, e funcionam como “enxames” insurgindo contra os centros simbólicos de poder e as autoridades, visando provocar a troca de regime a partir do caos organizado e dirigido (KORYBKO, 2018).

Korybko (2018) afirma que o processo se dá em um modelo em cadeia. A primeira parte ocorre no exterior, a partir da decisão de derrubar um governo não-aliado em uma situação em que haja interesses estratégicos em jogo. A partir disso, as organizações passam a trabalhar para determinar os meios possíveis para que a revolução colorida aconteça, nesse sentido, há a associação de instituições estatais, como a CIA, por exemplo, com *think tanks* e ONGs que possuem conhecimento sobre o estado alvo e podem servir de suporte local. A penetração na sociedade

alvo se dá através de uma abordagem híbrida, nas redes sociais, mas também por meio dessas ONGs físicas no local alvo. Korybko (2018) identifica elementos que são extremamente relevantes no processo de uma revolução colorida, dentre estes cabe destacar a ideologia, o financeiro, a informação e a mídia. A ideologia motriz por trás desses processos é a democracia liberal que visa libertar os povos de governos vistos como não-democrático-liberais, ou seja, não ocidentais. No campo financeiro, os recursos que financiam as revoluções coloridas provêm do exterior e penetram no país alvo através de ONGs pró-democracias, liberais e de direitos humanos, por exemplo. No campo da informação, como citado anteriormente, as redes sociais possuem papel determinante em todo o processo, mas cabe também ressaltar os materiais de propaganda, fundamentais para criar identidades para os manifestantes de uma maneira nova e contagiante, além de associar certos símbolos nacionais com a revolução. A mídia, por último, tanto a tradicional quanto os novos meios, através das redes sociais, trabalha para fortalecer a ideologia do movimento e dissemina para o público internacional os acontecimentos, buscando criar legitimidade global e colocar o atual governo em uma situação de repressor e pária internacional (KORYBKO, 2018).

A proposição de Korybko (2018) acerca das revoluções pode ser trabalhada ao lado do proposto por Charles Tilly. Conforme Tilly, uma revolução diz respeito a uma transferência de poder através de luta entre blocos rivais com reivindicações incompatíveis pelo controle do Estado e que contam com o apoio de segmentos significativos da população. Para Leon Trotsky, a presença de dois ou mais blocos rivais, que contam com o suporte da população e que, naquele momento, não conseguem suprimir o adversário constituem uma “situação revolucionária” e a definição desse impasse seria o “resultado revolucionário” (RUIZ-RAMAS; SANZ, 2016). Nesse sentido, segundo Korybko (2018), nos processos coloridos de revolução, um desses grupos, o desafiante do status-quo, estaria ligado aos EUA através dos elementos e das ferramentas anteriormente exploradas.

Buscamos, nas próximas seções, analisar se as manifestações de 2020 na Tailândia correspondem ao padrão construído por Korybko de Revolução Colorida. Para tanto, é necessário que se retome elementos importantes da história do país, das relações internacionais e da estruturação do Estado – sua organização,

seu modelo político e sua relação com a população, uma vez que a análise de um acontecimento social precisa ter como elemento basilar uma contextualização e uma compreensão dos processos históricos e das estruturas sociais sob as quais tal evento se desenvolve (SANTIAGO; MORAES, 2014).

3 Tailândia: Um País Estrategicamente Localizado

Como discutido anteriormente, a teoria das Guerras Híbridas, que inclui o modelo de Revoluções Coloridas, em linhas gerais, confere grande importância às relações internacionais a partir da afirmação da atuação dos Estados Unidos, através de suas instituições estatais ou mesmo de empresas privadas ligadas ao governo, em processos de desagregação do tecido social de outros Estados. Tal processo ocorre por meio de manifestações maciças que visam depor um governo e substituí-lo por outro que esteja alinhado com os interesses estadunidenses. Nesse sentido, ao dialogar com a teoria é necessário tratar da Tailândia a partir de uma análise do seu posicionamento no Sistema Internacional (KORYBKO, 2018).

A Tailândia é um país que se localiza no centro da Península da Indochina e conta com a maior população da região, com 66 milhões e 500 mil habitantes segundo estimativas do *Institute for Population and Social Research* da *Mahidol University* (2020). A Indochina foi, e ainda é, uma região importantíssima para a estratégia e para a disputa entre as grandes potências. A Tailândia representa a mais antiga relação dos EUA com um país asiático, com laços diplomáticos que remontam ao ano de 1818. Durante a Guerra Fria, a atuação estadunidense na região estava atrelada a estratégia de contenção do Vietnã e do comunismo. Nesse sentido, a decisão de Washington para a região assumia que era fundamental atuar para o fortalecimento dos Estados vizinhos e seus governos aliados, incluindo a ditadura militar do General Kriangsak Chomanand na Tailândia. Strangio (2020) afirma que os Estados Unidos uniram-se com setores conservadores da sociedade tailandesa para consolidar a monarquia do país como um importante baluarte contra a expansão do comunismo no sudeste asiático (WESTAD, 2006; STRANGIO, 2020).

A partir do fim da Segunda Guerra da Indochina e da retirada das tropas estadunidenses do Vietnã, tem-se o início da alteração do equilíbrio internacional.

Com a consolidação da vitória comunista no Vietnã, os chineses passaram a temer por sua segurança, afinal o país vizinho era um aliado forte da União Soviética e possuía aspirações expansionistas no sudeste asiático. A China temia se ver isolada e ameaçada. Deng Xiaoping, o então líder do Partido Comunista Chinês (PCC), desenhou uma estratégia que posteriormente transformou os rumos da Guerra Fria. A China então rompia definitivamente com o bloco socialista ligado à URSS, dando início à Terceira Guerra da Indochina, e, assim, aproximava-se do ocidente e, em especial, dos Estados Unidos, alterando o leque de alianças e a correlação de forças internacional (ZHANG, 2015).

No que diz respeito à Tailândia, essa mudança na atuação chinesa transformou a relação entre os dois países, ao passo que se negociou o fim do apoio chinês ao Partido Comunista Tailandês (PCT) – que buscava derrubar a monarquia e o regime militar – mediante o apoio tailandês à contenção do Vietnã realizada pelos EUA e pela China. Assim, uma relação mais direta e amistosa entre Pequim e Bangkok se estabeleceu. No entanto, o cenário que, para a teoria das Guerras Híbridas, é relevante se desenha a partir do crescimento da importância chinesa para a Tailândia. A crise financeira que assolou diversos países asiáticos em 1997 se apresenta como um momento fundamental para a compreensão da posição tailandesa frente à China e aos EUA. As condições impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) aos Estados asiáticos e a agenda definida para a recuperação econômica tiveram consequências negativas nos indicadores sociais e na indústria da Tailândia. Concomitantemente a isso, foi a China, e não os Estados Unidos (que insistiam que fosse adotada a cartilha do FMI), que ofereceu suporte e injetou 1 bilhão de dólares no fundo da entidade em apoio aos tailandeses. Tal fato desestabilizou os antigos laços do país com o ocidente e gerou uma aproximação com Pequim; em 2003 o primeiro-ministro tailandês assinou um tratado de livre comércio com a China (SACHS, 1998; STRANGIO, 2020).

Em 2014, a China se tornou o principal parceiro comercial da Tailândia, ultrapassando os EUA e o Japão, consolidando seu papel na região e abrindo caminhos importantes em termos de infraestrutura e segurança que serão fundamentais nas próximas décadas. A China suplantou os EUA em termos de influência na Tailândia e o golpe militar ocorrido em 2014 ajudou a aprofundar ainda mais essa

tendência. Os EUA se posicionaram de maneira contrária aos acontecimentos que mudaram o poder de mãos na Tailândia, suspendendo o auxílio em segurança de milhões de dólares; a China, por outro lado, possui uma tradição diplomática que trata de uma separação entre as esferas, e assim, manteve os negócios e o comércio, independentemente das questões de política interna que surgiam. Atualmente, o grande projeto chinês que envolve a Tailândia está relacionado com a navegabilidade do Rio Mekong, que ligará 650km e funcionará como um importante corredor de mercadorias, ampliando a posição de força chinesa em toda a região e afastando ainda mais os EUA e seus interesses (STRANGIO, 2020).

Com relação ao aspecto econômico, segundo dados do Observatório da Complexidade Econômica (OEC), a China passou para a primeira colocação entre as importações tailandesas, com um crescimento de mais de nove bilhões de dólares entre 2014 e 2019. As cifras intercambiadas entre os dois países em 2019 atingem 74 bilhões de dólares, enquanto que a taxa entre a Tailândia e os EUA se aproximava dos 45 bilhões de dólares (OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2021).

A partir da contextualização histórica e sistêmica acima realizada, é possível identificar que o componente de motivação para os Estados Unidos desenvolverem uma estratégia de revolução colorida, de fato, existe. Para o país é fundamental garantir sua presença no sudeste asiático e não permitir que se perca de vez para a China a influência sobre um importante e histórico aliado regional e estratégico. Além disso, a proximidade da Tailândia com a China, a partir da teoria das Guerras Híbridas, indica que são maiores as chances de que meios indiretos de desestabilização, como a revolução colorida, sejam aplicados pelo governo de Washington (KORYBKO, 2018).

4 As Ruas, o Povo e a Imprensa

Marcada por diversas tentativas de golpes desde o fim da monarquia absolutista em 1932, a Tailândia teve o seu mais recente golpe iniciado em 2014, com a retirada do primeiro-ministro Thaksin Shinawatra do poder. Em 1995, Thaksin construiu o partido *Thai Rak Thai* (TRT) ou “Thais Amam Thais”, em tradução livre, tornando-se o seu principal representante e entrando em ascensão na estrutura

política tailandesa. De origem humilde, vindo do norte e “*self made man*”³ da maior rede de telecomunicação, seu sucesso foi estrondoso entre a população do norte e do nordeste. Apesar de suas políticas neoliberais, as propostas de reformas sociais através de campanhas políticas bem elaboradas também contribuíram para a popularidade de Thaksin, culminando na sua primeira eleição em 2001. Desde então o país sofreu 3 tentativas de golpes de Estado: a primeira em 2001, a segunda em 2006 e a última em 2014 (MCCARGO, 2019; STRANGIO, 2020).

O sucesso político do então primeiro-ministro foi visto como uma ameaça aos tradicionais poderes urbanos da Tailândia e às elites atreladas ao poder real e ao exército. Uma vez que implantava reformas populistas e criticava a postura dos burocratas, oficiais militares e aristocratas, o *premier* acabou se tornando um inimigo a ser combatido na Tailândia. Assim, em 2014, seus oponentes, que foram incapazes de vencer as eleições por voto popular, retomaram as vestes amarelas (cor tradicionalmente associada à monarquia) e tomaram as ruas, estabelecendo o chamado *People's Democratic Reform Committee* (PDRC), ou Comitê de Reforma Democrática dos Povos, buscando o fim da participação política de Shinawatra e seus aliados. A agitação popular foi motivo suficiente para que as juntas militares tomassem controle da situação, se estabelecendo um regime militar através do *National Council for Peace and Order*, ou Conselho Nacional para a Paz e a Ordem, em tradução livre, responsáveis por suspender a constituição, proibir encontros com mais de cinco pessoas e determinar um novo toque de recolher (MCCARGO, 2019; STRANGIO, 2020).

Aliados das forças armadas, os Camisas Amarelas, em sua maioria trabalhadores civis, professores, militares e médicos que se sentiram ameaçados com a diminuição da diferença social entre as classes tailandesas, dominaram a mídia e passaram a criar uma imagem hostil dos seus rivais, os Camisas Vermelhas. Representados pela população rural do norte, pelos dissidentes urbanos e por aqueles que se consideram pró-democracia, os Camisas Vermelhas foram a base de apoio do primeiro-ministro Thaksin e lutaram para manter os avanços sociais construídos por ele. No entanto, conforme afirma Noah Viernes (2020), com a escalada da violência, essa oposição acabou sendo sistematicamente eliminada e dispersa, através

3 *Self made man* é a expressão usada para descrever o indivíduo de origem humilde, que trilha seu próprio caminho até o sucesso.

de campos de reeducação, fechamento de estações de rádio, restrições impostas por lei marcial e novos artigos constitucionais. Segundo Strangio, no primeiro ano em que o NCPO esteve no comando, mais de mil políticos, acadêmicos e jornalistas foram detidos e forçados a assinar promessas de cessamento da atividade política. As chamadas leis *lèse-majesté*, que impediam críticas à monarquia, também foram ampliadas e readaptadas para evitar críticas às forças armadas (MCCARGO, 2019; STRANGIO, 2020).

Importante ressaltar, no entanto, que não se tratava de uma luta entre o “antigo poder monárquico feudal” encabeçado pelos militares e a modernização capitalista promovida por Thaksin. Conforme Giles Ji Ungpakorn, da Jacobin, os dois extremos apoiavam vigorosamente a monarquia e, ao mesmo tempo, apoiavam as maiores corporações tailandesas (atreladas ao poder real). Thaksin Shinawatra, assim como os representantes das forças armadas, são os principais nomes da elite tailandesa e enriqueceram durante seus períodos no poder. Assim, não se trata de uma competição entre dois extremos e sim entre uma competição entre as elites (UNGPAKORN, 2020).

O golpe de 2014 também influenciou as relações externas do país com seus principais aliados: os Estados Unidos e a China. Como já foi visto, os laços da Tailândia com os Estados Unidos vêm desde 1818, e, apesar de um sistemático afastamento, o país asiático ainda tem grande valor estratégico militar para os Estados Unidos. A retirada de Thaksin do poder então culminou na suspensão de assistência de segurança e dos eventos de alto nível militar por parte dos Estados Unidos. A repressão estadunidense, por sua vez, não foi bem aceita pelas elites tailandesas, que além de criticar a postura do antigo aliado, buscou maior apoio com o vizinho asiático, a China. Representantes de Pequim declararam que a situação se tratava de um problema doméstico tailandês e portanto não caberia nenhum tipo de intervenção. Como resposta, trocas diplomáticas foram acentuadas entre os países asiáticos nos anos seguintes e a declaração chinesa foi bem recebida em outros países do Sudeste asiático (STRANGIO, 2020).

Desde então, novos eventos moldaram o cenário tailandês e contribuíram para a escalada da tensão social. Em 2016, após 70 anos no comando, o Rei Bhumibol Adulyadej faleceu, levando à sucessão do seu filho, Vajiralongkorn, ao

trono da Tailândia. A intervenção militar foi definitiva para a coroação de Vajiralongkorn, uma vez que ele não era bem quisto pelo povo e que havia um desejo nacional de que a sua irmã mais nova, Princesa Sirindhorn, assumisse a posição. Assim, a junta militar que comanda o país desde 2014, representada pelo primeiro-ministro Prayuth Chan-ocha e amparada por setores da elite que buscam certas reformas político-sociais, se fez presente desde o início do mandato do novo Rei, exprimindo suas preocupações e suas vontades. As reformas aplicadas pela junta militar durante o período incluem uma despolitização da sociedade, de maneira a aumentar a coesão social através do pensamento de um “bem comum”, ou seja, que todos fazem parte da mesma nação e devem ser subordinados para o avanço do país, da religião e da monarquia, sob a tutela do comando militar (MONTE-SANO; CHONG; HENG, 2019; KUO, 2020).

Muitos autores divergem nas causas dos diversos conflitos sociais que afetam a Tailândia desde o seu reconhecimento como Estado: alguns afirmam que as formas políticas do Ocidente são incompatíveis com as instituições tailandesas, tão plurais na sua cultura, história e tradição; outros afirmam que as causas estão no “atraso” do eleitorado provincial do país, em comparação à classe média moderna da cidade e da capital; por fim, outros afirmam que as raízes do conflito estão, na verdade, nas disputas entre as classes do país. O fato é que a ruptura ocorrida em 2014 trouxe profundas mudanças para o tecido social tailandês, fugindo do esperado pela junta militar ao dar o golpe de Estado (MONTESANO; CHONG; HENG, 2019).

Já em 2019, a Tailândia teve eleições para o Parlamento, com a presença de novos partidos. Cabe destacar o sucesso entre os jovens do novo *Future Forward Party*, ou Partido Futuro Para Frente. As eleições foram rodeadas de suspeitas, resultando com os aliados de Prayuth com a maioria do senado. Num sistema de alianças, o *Future Forward* foi o terceiro partido mais votado, fazendo parte da oposição. No entanto, esse cenário durou pouco tempo e o Partido logo foi dissolvido pela Corte Constitucional. Os membros do Partido começaram a expor a corrupção do governo e supostas intervenções da junta militar em casos de outros países (KUO, 2020).

O ano de 2020 foi marcado pela emergência da pandemia do coronavírus e pela crise econômica que atingiu inúmeros países pelo mundo. Na Tailândia esse

cenário não foi diferente: a crise que já assolava o país foi agravada e o responsável pelo país, o primeiro-ministro Prayuth, foi incapaz de lidar com essa nova demanda. As insatisfações políticas com as eleições de 2019 e a dissolução do *Future Forward*, somadas ao cenário de crise pandêmica, levaram os jovens tailandeses, em sua maioria estudantes universitários organizados pelas redes sociais, a se levantar contra o primeiro-ministro. Já em agosto as demandas aumentaram: além de exigirem a resignação de Prayuth, os jovens protestantes começaram a pedir por uma nova constituição, o fim da violência contra os ativistas e a reforma da monarquia (MCCARGO, 2019; KUO, 2020).

Ao contrário do seu pai, o novo Rei é alvo de críticas por ir contra todos os preceitos que eram moralmente aceitos pela população tailandesa. Maha Vajiralongkorn se casou quatro vezes desde que subiu ao poder em 2016, trazendo de volta a poligamia, vive luxuosamente, com visitas recorrentes à Europa (inclusive durante o cenário de crise agravado pela pandemia) e apresenta pouco interesse pelo bem-estar do povo. Também é alvo de críticas por ter tomado controle de toda fortuna real e por ter ampliado seu poder e controle sobre o exército. Assim, pela primeira vez em muitos anos, os manifestantes estão tendo a coragem de se insurgir contra a monarquia, apesar das possíveis condenações criminais através das leis de *lèse-majesté* (THAILAND REVIVES LESE..., 2020; THAILAND REVIVES LAW..., 2020; EXPLAINER..., 2020).

Outro ponto contrastante entre as manifestações de 2020 em oposição às de 2014 é o perfil dos manifestantes: enquanto os Camisas Vermelhas eram em sua maioria gerações mais antigas, os manifestantes atuais são representados por jovens em idade escolar e universitários, que também demandam mudanças no sistema educacional e nos papéis de gênero rigorosos, além das mudanças constitucionais e monárquicas. O controle da mídia tradicional pelo governo também influenciou o novo padrão dos protestantes: a internet e as redes sociais organizaram o novo movimento, uma vez que não estão sujeitas ao mesmo nível de controle que a TV e as estações de rádio, por exemplo. Assim, pode-se dizer que o contato dos jovens tailandeses uns com os outros e também com apoiadores ao redor do mundo fomentou a potência e a magnitude dos eventos que ocorrem desde 2019 (PROFILE..., 2012; KUO, 2020).

Segundo Ungpakorn (2020), os manifestantes de 2020 são constituídos majoritariamente de estudantes e trabalhadores, criando uma coalizão chamada *People's Party* (em homenagem ao movimento de 1932 que terminou com a monarquia absolutista) em que as mulheres ocupam os principais papéis de liderança. Apesar de se identificarem inicialmente com o *Future Forward*, o movimento atual também se destaca por ser autônomo e apartidário, sendo que a própria oposição não foi capaz de conter o avanço dos protestos (UNGPAKORN, 2020).

O impacto das manifestações foi visto diariamente com a utilização da força policial e militar contra os manifestantes. A violência sempre foi utilizada como maneira de repressão contra os movimentos insurgentes na Tailândia: em 2014 esquadrões militares foram responsáveis pelo assassinato de Camisas Vermelhas desarmados e por conduzir assassinatos contra lideranças. Em 2020, no entanto, a polícia tailandesa buscou maneiras alternativas de romper com as manifestações. As táticas mais utilizadas foram a apreensão de manifestantes e de supostas lideranças, além da utilização de canhões d'água para reprimir os movimentos. No entanto, a organização dos manifestantes surpreende. Como resposta às prisões, o movimento declarou que “todo mundo é líder”, demonstrando o caráter popular do movimento. A utilização de água com componentes químicos, seja em canhões ou em sprays utilizados pela polícia, se assemelha muito aos casos na América Latina, como ocorreu no Chile em 2019⁴. Para esse novo obstáculo, os manifestantes adotaram um novo símbolo, o pato de borracha, a ser discutido no próximo tópico (UNGPAKORN, 2020).

Também cabe ressaltar o financiamento do movimento, as suas origens e principais financiadores. Existe uma grande dificuldade de realizar esse rastreamento, uma vez que não é divulgado na mídia tradicional e a pesquisa deve ser feita em meios alternativos. Ainda assim, o que se pode confirmar é o apoio e o financiamento estadunidense a certas organizações tailandesas, através do NED, *National Endowment for Democracy* ou Dotação Nacional para Democracia, em tradução livre. O NED seleciona projetos anualmente e está presente em todas as partes do mundo, inclusive na Tailândia desde 2014, quando financiou o TLHR (*Thai Lawyers for Human Rights*, ou Advogados Tailandeses pelos Direitos Humanos

⁴ “Uma análise encomendada pelo Movimento Saúde em Resistência (MRS) ao Colégio de Químicos Farmacêuticos e Bioquímicos do Chile revelou que a água usada pelos policiais na repressão dos protestos contém soda cáustica e elementos de gás de pimenta” (LOTT, 2019).

em tradução livre). Em 2019, o NED aprovou o financiamento de 18 projetos tailandeses que visam a liberdade de expressão, a defesa dos direitos humanos, a liberdade política e a mídia livre (THAI..., 2020; CARTALUCCI, 2020; FRONT LINE DEFENDERS, 2020; NED, 2020; MEET..., 2020).

Vindo da área rural do norte e de uma família militante pela causa dos Camisas Vermelhas, Anom Nampa é um dos principais responsáveis pelo início das manifestações em 2019 e hoje é um dos principais representantes da resistência popular contra os avanços da polícia e do exército, sendo preso 3 vezes por violar as *lèse-majesté*. Apesar de fugir do padrão dos manifestantes, por se tratar de um advogado de 32 anos, Nampa é uma figura carismática que conquista facilmente o apoio popular. Como membro voluntário do THR, sua relação com a organização e o financiamento estadunidense, é alvo de críticas pela mídia alternativa, que busca questionar o motivo do alinhamento entre o THR e os Estados Unidos.

Nesta seção encontramos uma contradição: apesar de encontramos indícios de que a proposta de Revolução Colorida pode ser aplicada, ao se pensar no financiamento estadunidense a ONGs tailandesas e da utilização das redes sociais pelos manifestantes, também é possível entender o caráter histórico tailandês de revoltas genuínas, motivadas apenas pela necessidade de alteração das condições sociais e políticas da sua população (THAI..., 2020; CARTALUCCI, 2020; FRONT LINE DEFENDERS, 2020; NED, 2020).

5 Novas Formas de Protestar: Símbolos e Redes Sociais

O primeiro símbolo utilizado por manifestantes tailandeses ainda diz respeito aos Camisas Vermelhas de 2014. Apesar de se tratar de outra geração, aqueles mais jovens que participavam levaram consigo o símbolo do filme e da série de livros “Jogos Vorazes”. A saga se trata de uma distopia estadunidense, em um cenário ditatorial e os três dedos para cima significam um gesto de agradecimento, admiração e adeus aos seus queridos. Na sequência dos livros, o gesto é utilizado pela personagem principal, que acaba por iniciar uma revolução contra o presidente-ditador do país. Em 2020, o símbolo foi trazido de volta pelos manifestantes com ainda mais vigor e se tornou o principal símbolo da insurgência tailandesa (UNGPAKORN, 2020; THE STORY..., 2020).

Imagem 1 – Manifestantes utilizam os três dedos para cima da saga Jogos Vorazes



Fonte: THAILAND REVIVES LAW... (2020).

Imagens 2 e 3 – Contrastes entre os manifestantes de 2014 e os de 2020.



Fonte: Kurz (2014); Sherwell (2020).

Outro símbolo chave de 2020 é o pato de borracha, mostrado na Imagem 4 a seguir. Como mencionado anteriormente, canhões de água foram amplamente utilizados pela polícia, primeiramente como uma maneira de dispersar a multidão e, posteriormente, para formar barricadas contra o avanço do movimento a áreas estratégicas de Bangkok (como o Parlamento, por exemplo). A resposta dos manifestantes veio em forma de pato de borracha gigante. Inicialmente trazidos à manifestação como uma forma de “piada”, os patos acabaram sendo utilizados como escudo contra os jatos d’água. As imagens começaram a circular nas redes sociais e os patos se tornaram a nova imagem dos protestos, sendo vistos como “heróis”. Entre as imagens dos manifestantes com os patos inflados, também é significativo o estado do objeto após a manifestação (desinflado e roxo pela tinta na água atirada pelos canhões). A organização *Human Rights Watch* observou a utilização de tinta roxa e do químico presente no gás lacrimogêneo na água utilizada pela polícia contra os manifestantes (RATCLIFFE, 2020).

Imagem 4 – Manifestantes utilizando patos de borracha em manifestação no dia 27 de novembro de 2020, em Bangcoc



Fonte: Bhardwaj (2020).

As imagens do protesto circulam por todas as redes sociais e chamam a atenção mundial pelo assunto. Desde o início da Primavera Árabe de 2010 é possível notar a importância crescente de redes sociais como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, como método de organização e participação popular, especialmente entre os jovens e trabalhadores. Na Tailândia não é diferente. O uso das redes sociais foi a principal ferramenta de organização entre os jovens e serviu de conexão com outros jovens organizados ao redor do mundo. *Hashtags* levantadas no *Twitter* propagam informações a respeito dos horários dos protestos, locais de encontro e dos resultados da manifestação do dia, além de mostrar a violência perpetrada pela polícia e pelas forças armadas. A solidariedade, em esfera mundial, também é notável. No *Twitter*, por exemplo, é fácil encontrar perfis latino-americanos que apoiam a insurgência tailandesa. Ou seja, há uma conexão, uma identificação, com o cenário tailandês de violência e repressão que também afeta em grande escala os países Latino-americanos, em especial a sua classe trabalhadora e estudantil (RATCLIFFE, 2020).

Imagem 5 – Print da hashtag #ThailandProtest2020 levantada no Twitter



Fonte: Pereira (2020a).

Imagem 6 – Perfil de apoio latino-americano aos esforços tailandeses, no Twitter



Fonte: LAFORThailand (2020).

Imagem 7 – print da Hashtag #WhatIsHappeningInThailand, no Twitter



Fonte: Pereira (2020b).

Portanto, podemos concluir que os símbolos utilizados pelos manifestantes tailandeses servem a três propósitos diferentes. Primeiro, como uma identificação contra os poderes tradicionais do país, uma maneira de diferenciar “eles” de “nós”, de mostrar coesão entre o movimento. Assim como os manifestantes de 2014 utilizavam camisas vermelhas em apoio ao primeiro-ministro Shinawatra, os manifestantes apartidários de 2020 encontraram sua identificação no gesto de uma saga famosa internacionalmente. O que nos leva ao segundo propósito: a identificação internacional com a causa e a globalização do movimento. Ao se apropriarem dos três dedos, automaticamente os manifestantes tailandeses se aliaram a todos aqueles

que viram os filmes ou leram os livros dos Jogos Vorazes e concordaram, mesmo que minimamente, com as intenções da protagonista em busca de um sistema mais justo dentro da distopia que vivia. O mesmo acontece na realidade. A simpatia com o movimento tailandês cresce e chama a atenção das tradicionais mídias internacionais (Reuters, BBC, The Guardian, Al Jazeera, The Economist, etc.) a cada dia. Por fim, o último propósito analisado seria o da segurança: os patos de borracha, que inicialmente levavam o teor satírico às manifestações, acabaram se tornando um item de segurança para possibilitar o avanço das caminhadas. Combinados, os símbolos das manifestações tailandesas de 2020 culminaram não só no apoio nacional, mas também no internacional (RATCLIFFE, 2020).

Imagem 8 – Reuters anuncia que Twitter suspende conta ligada à defesa da monarquia tailandesa



Fonte: Reuters (2020).

6 Considerações Finais

Para se aproximar do objetivo de realizar uma análise de conjuntura sobre as expressivas manifestações que aconteceram na Tailândia no ano de 2020, optou-se por partir de um enquadramento analítico associado ao que foi proposto por Pimenta (2016). No caso deste trabalho, o uso do “mosaico de vozes”, como explicado anteriormente, proporciona a obtenção de informações sobre a conjuntura a partir da mídia, porém, carregando o entendimento de que os mais diversos grupos de imprensa não são neutros e possuem suas respectivas agendas, e assim, se relacionam com os fatos, sendo influenciados e influenciando-os. Esse mosaico de vozes que ajuda a construir o entendimento dos processos, dos acontecimentos, dos atores e dos contextos das manifestações tailandesas possui uma segunda função nesta análise: propiciar uma aproximação com a realidade estudada para uma confrontação desta com os conceitos e as categorias propostas na Teoria das Guerras Híbridas, também discutida anteriormente.

A partir dessa metodologia e das informações que foram levantadas, foi possível chegar a conclusões acerca da conjuntura e das teorias que sobre ela versam. As informações e as análises feitas a partir delas mostram que os elementos que, para Korybko (2018), são constituintes de uma revolução colorida estão sim presentes nas manifestações tailandesas: a organização por meio das redes sociais baseada no disparo de mensagens e propagandas, o caráter liberal das reivindicações, a construção de símbolos que proporcionam uma identificação internacional com a causa, a valorização das manifestações nas mídias ocidentais, a falta de um elemento de liderança evidente e o financiamento das ações realizado por ONGs e instituições estadunidenses de caráter liberal estão todos presentes no contexto tailandês.

No entanto, há algo que precisa ser discutido ao aplicar-se a Teoria das Guerras Híbridas, originada a partir do alto grau de generalização e de universalidade. Por se tratar de uma proposição que intenciona investigar uma ação estadunidense que pode ocorrer em qualquer lugar do mundo, é compreensível que a teoria dê enfoque aos elementos estruturais do sistema internacional e às ações que constituem a troca de regime ligadas à atuação dos EUA. Porém, o que a conjuntura tailandesa nos mostra é que existem elementos relacionados ao processo histórico, ao contexto social, ao sistema político, aos traços culturais e ao modelo produtivo

que são específicos de cada local e conjuntura e que, portanto, não podem ser deixadas de lado em uma análise com este enfoque. Sendo assim, chegamos à conclusão de que a insurreição tailandesa de 2020 apresenta, sim, uma falha no modelo da Revolução Colorida. O que se nota, dentro da Teoria de Korybko, é que seu alto grau de generalização e de universalidade são exatamente os fatores que estabelecem limites à sua aplicação, já que não fornecem as ferramentas que permitiriam que uma insurreição popular, ainda que moderna e globalizada, fosse considerada legítima e autônoma.

Entende-se que em contextos desse tipo, o modelo de revolução colorida deve ser estudado e analisado, mas não pode permanecer como o único olhar para a conjuntura. No caso tailandês, por exemplo, o altíssimo grau histórico de instabilidade política e o contexto de insatisfação genuína da população acerca dos governantes, que existe há pelo menos dez anos, seriam deixados de lado caso o objetivo do analista fosse apenas verificar a existência ou não dos elementos constitutivos de um processo colorido de revolução. O modelo de Korybko possui grande valor teórico no contexto internacional atual e já se mostrou funcional em diversas situações, porém, ao analista que deseja aprofundar sua análise e aos atores políticos, que por exemplo, buscam combater as revoluções coloridas e a interferência dos EUA, é fundamental que se ultrapasse os limites que o modelo teórico e seu nível de análise geram. Para quem identifica que existe um projeto de revolução colorida sendo posto em prática na Tailândia e deseja combatê-lo, por exemplo, é necessário trabalhar com os aspectos sociais que ficam de fora da análise.

Além disso, compreende-se que os processos sociais estão sempre em disputa, eles não são dados de início, são passíveis de mudanças, e os seus desfechos são decorrências da correlação de forças que sobre eles tem efeito; nesse sentido, um processo que inicia a partir de uma demanda popular de um povo pode ser disputado e sequestrado por uma revolução colorida; mas o inverso também é possível. No entanto, o que se nota na Tailândia é a continuidade da história de uma sociedade que repetidamente se revolta contra suas Forças de Estado, em busca de melhorias sociais, econômicas e políticas. Dessa maneira, entende-se que as disputas nunca são maniqueístas ou binárias, sendo sempre necessário a análise da sociedade em questão sob diversas lentes e perspectivas.

Between Self-Determination and the Color Revolution: An Analysis of Thai Protests in 2020

Abstract: Based on a discussion between the hypothesis of a Color Revolution and the hypothesis of an organic uprising against the monarchy, this paper aims to analyze whether the Thai protests of 2020 fall within the theoretical model of Color Revolutions, coined by Andrew Korybko. Using the analysis model “Mosaico de Vozes”, by Marília Carolina Pimenta, the international scenario, the historical context, the use of symbols and social networks, in addition to the possible financing of foreign actors, will be analyzed in the development of the article in order to identify the limits and potentialities of the Color Revolution category for the analysis of the conjuncture in international relations.

Keywords: Thailand. Colorful Revolution. Revolution. United States.

Referências

BHARDWAJ, Naina. Thai protesters flood streets with rubber ducks as a symbol of resistance as fears of a coup grow. **Insider**, 28 nov. 2020. Disponível em: <https://www.insider.com/thailand-rubber-duck-protests-grow-amid-coup-fears-2020-11>. Acesso em: 18 mar. 2021.

CARTALUCCI, Anthony. Thai PM right to question protest funding. **The Alt World**, 14 ago. 2020. Disponível em: https://thealtworld.com/anthony_cartalucci/thai-pm-right-to-question-protest-funding. Acesso em: 01 dez. 2020.

EXPLAINER: What's behind Thailand's protests? **Reuters**, 15 out. 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-thailand-protests-reasons-explainer-idUSKBN2700IX>. Acesso em: 01 dez. 2020.

FRONT LINE DEFENDERS. **Arnon Nampa**: HRD & Human Rights Lawyer. 2020. Disponível em: <https://www.frontlinedefenders.org/en/profile/arnon-nampa#:~:text=Arnon%20Nampa%20is%20a%20human,coup%20of%2022%20May%202014>. Acesso em: 30 de nov. 2020.

INSTITUTE FOR POPULATION AND SOCIAL RESEARCH. **Thailandometers**. Disponível em: <http://www.thailandometers.mahidol.ac.th/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KUO, Mercy A. Thailand protests at a tipping point. **The Diplomat**, 17 nov. 2020. Disponível em: <https://thediplomat.com/2020/11/thailand-protests-at-a-tipping-point/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

KURZ, Jack. **Bangkok, Bangkok, Thailand**. 1 fotografia. 2014. 5200 x 3467 pixels. Disponível em: <https://www.alamy.com/bangkok-bangkok-thailand-6th-apr-2014-red-shirt-supporters-dance-at-image68319259.html>. Acesso em: 18 mar. 2021.

LAFORTHAILAND. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/LAForThailand>. Acesso em: 30 nov. 2020.

LOTT, Diana. Análise aponta soda cáustica em água usada por polícia chilena contra manifestantes. **Folha de S. Paulo**, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/12/analise-aponta-presenca-de-soda-caustica-em-agua-usada-por-policia-chilena.shtml>. Acesso em: 01 dez. 2020.

MCCARGO, Duncan. Southeast Asia's Troubling Elections: Democratic Demolition in Thailand. **Journal of Democracy**, Maryland (EUA), v. 30, n. 4, p. 119–133, out. 2019. Disponível em: <https://www.journalofdemocracy.org/articles/democratic-demolition-in-thailand/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

MEET Anon Nampa, the Thai Lawyer who is one of the driving forces behind youth protests. **South China Morning Post**, 17 ago. 2020. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/asia/southeast-asia/article/3097710/meet-anon-nampa-thai-lawyer-who-one-driving-forces-behind>. Acesso em: 01 dez. 2020.

MONTESANO, Michael J.; CHONG, Terence; HENG, Mark. **After the Coup**: The National Council for Peace and Order Era and the Future of Thailand. Cingapura: ISEAD - Yusof Ishak Institute, 2019.

NATIONAL ENDOWMENT FOR DEMOCRACY (NED). Learn About Where We Work. 2020. Disponível em: <https://www.ned.org/apply-for-grant/en/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY (OEC). **Thailand**. 2021. Disponível em: <https://oec.world/en/profile/country/tha>. Acesso em: 06 maio. 2021.

PEREIRA, Júlia Silveira. 2020a. Imagem autoral em 30 nov. 2020.

PEREIRA, Júlia Silveira. 2020b. Imagem autoral em 30 nov. 2020.

PIMENTA, Marília Carolina B. S. Do oráculo ao mosaico de vozes: elementos-chave para a compreensão do cenário pós-conflito colombiano. *In*: AYERBE, Luis Fernando. **Análise de Conjuntura em Relações Internacionais**: abordagens e processos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 201-228.

PROFILE: Thailand's reds and yellows. **BBC News**, 13 jul. 2012. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-13294268>. Acesso em: 01 dez. 2020.

RATCLIFFE, Rebecca. Giant rubber ducks become symbol of Thai pro-democracy rallies. **The Guardian**, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/nov/20/giant-rubber-ducks-become-symbol-of-thai-pro-democracy-rallies>. Acesso em: 01 dez. 2020.

REUTERS. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/Reuters/status/1333332439016632320>. Acesso em: 01 dez. 2020.

RUIZ-RAMAS, Rubén; SANZ, Jesús. Charles Tilly's Concept of Revolution and the "Color Revolutions". *In*: FUNES, María J. (ed.). **Regarding Tilly: Conflict, Power, and Collective**. Lanham: University Press Of America, Inc, 2016. p. 135-157.

SACHS, Jeffrey. The IMF and the Asian flu. **The American Prospect**, Online, v. 5, n. 37, p. 16-21, mar.-abr. 1998. Disponível em: https://www.earth.columbia.edu/sitefiles/file/Sachs%20Writing/1998/AmericanProspect_1998_TheIMFand-theAsianFlu_March-April1998.pdf. Acesso em: 01 dez. 2020.

SANTIAGO, Claudia; MORAES, Reginaldo. **Como fazer Análise de Conjuntura**. Brasília: CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação, 2014. Disponível em: https://www.cnte.org.br/images/stories/esforce/pdf/programa-formacao_eixo02_fasciculo03_analiseconjuntura.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.

SHERWELL, Philip. Hunger for change as Thai youth shows three fingers to old guard. **The Times**, 23 ago. 2020. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/hunger-for-change-as-thai-youth-shows-three-fingers-to-old-guard-20kz-fjm0n>. Acesso em: 18 mar. 2021.

STRANGIO, Sebastian. **In the Dragon's Shadow: Southeast Asia in the Chinese Century**. Londres: Yale University Press, 2020.

THAI protests: lawyer Anon Nampa to be jailed over bail breach. **BBC News**, 03 set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-54013796>. Acesso em: 01 dez. 2020.

THAILAND protests: Thousands join huge rally demanding reforms. **BBC News**, 19 set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-54217284>. Acesso em: 18 mar. 2021.

THAILAND REVIVES LAW banning criticism of king in bid to curb protests. **BBC News**, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-55062397>. Acesso em: 01 dez. 2020.

THAILAND REVIVES LESE majesty ahead of rally over royal fortune. **Aljazeera**, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/11/25/thailand-revives-royal-insult-law-as-mass-rallies-planned>. Acesso em: 01 dez. 2020

THE STORY behind Thailand's Hunger Games protest salute. **The Japan Times**, 15 out. 2020. Disponível em: <https://www.japantimes.co.jp/news/2020/10/15/asia-pacific/thailand-three-fingered-salute/>. Acesso em: 01 dez. 2020.

UNGPAKORN, Giles Ji. The return of Thailand's democracy movement. **Jacobin**, 26 nov. 2020. Disponível em: <https://www.jacobinmag.com/2020/11/thailand-protests-democracy-prayut>. Acesso em: 01 dez. 2020.

VIERNES, Noah. Drones, Cinema, and Protest in Thailand. In: MCGARRY, Aldan *et al.* (eds.). **The Aesthetics of Global Protest**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2020, p. 171-190.

WESTAD, Odd Arne. Introduction: From war to peace to war in Indochina. In: WESTAD, Odd Arne; QUINN-JUDGE, Sophie (eds.). **The Third Indochina War: Conflict between China, Vietnam and Cambodia, 1972–79**. Abingdon: Routledge, 2006.

ZHANG, Xiaoming. **Deng Xiaoping's Long War**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2015.